

# INSTANTÂNEOS DO MUNDO

Março 91

fragmentos de experiências pessoais - Maria de Lourdes Pintasilgo

" O DIREITO A COMER É TAMBÉM UM DIREITO HUMANO FUNDAMENTAL " - Sim, é necessário afirmar o óbvio! Em especial quando o

que está em causa é o medo crescente na Europa Ocidental de milhões de migrantes, não só da África e da Ásia mas também da Europa de Leste, é por isso que a distinção entre "refugiados políticos" e "migrantes económicos" passou a ser a única maneira que as autoridades encontraram de impor restrições a novos imigrantes. [Por isso, é preciso dizer, como o fez recentemente o representante do Alto Comissário para os Refugiados, que não tem consistência o argumento que exclui os migrantes à procura de subsistência, a não ser que a Europa mude drasticamente a sua cooperação económica com os outros países, contribuindo assim para o melhoramento do seu nível de vida, é uma nova forma de egoísmo regional e exclusão.]

face à  
eventualidade  
começar a

"O QUE FICOU DO NOSSO HORIZONTE AMBICIOSO?"

- Teremos que admitir que a esperança não passou de um sonho? Será que chegou o momento de abandonarmos as nossas convicções? O que há na nossa herança de que possamos prescindir? Será que há valores que ainda se mantêm válidos? ... A lista de interrogações podia continuar indefinidamente. Tratava-se de um encontro de várias pessoas para quem os anos 60 tinham coincidido com o vigor da sua vida ou com a sua juventude entusiasta. Para todas elas, o empenhamento na transformação social, na solidariedade internacional, numa procura de alternativas ao sistema capitalista liberal tinha sido um elemento fulcral nos seus projectos de vida muito diferenciados. E ali estavam elas, numa linda casa nas margens do Lago Lemán, reflectindo sobre o colapso de tudo aquilo que tinha estado no cerne dos seus esforços... Algumas comentaram o passado; falaram daquelas pessoas dos países ricos que, sentindo-se impotentes para modificar a sua situação, tantas vezes decidiram ir partilhar a saga dos outros povos dos movimentos de libertação do Terceiro Mundo, das comunidades de base da América Latina, da luta do Solidarnosc - tudo isto parecia, de certo modo, capaz de abalar o "statu quo" ... Outras ainda tinham opiniões firmes sobre o presente: "Sem horizontes não consigo avançar com o trabalho concreto, local e institucional que estou a fazer." - "Não conseguimos fazer frente à hiper-complexidade da realidade, ao ritmo da história" - Mas havia também esperanças e desejos acerca do futuro: "Onde poderemos encontrar colectivos de intelectuais dispostos a pensar?" - "De que espécie de energia social andamos à procura?" E através de toda a discussão, a convicção de que, qualquer que seja a acção para que nos sintamos chamados, ela terá que ser baseada num forte carisma, na coragem de ~~levar para a frente~~, na aceitação de que é um ingrediente básico da democracia a construir, de uma nova forma de envolvimento social de que o nosso tempo precisa.

"A INFORMAÇÃO É UMA ARMA?" - A medida que os meios de comunicação social fazem a sua própria catarse sobre o Golfo, sentem tremer os fundamentos do papel que desempenham. Sabemos agora que, apesar das notícias infundáveis e das grandes e pequenas transmissões da CNN "em directo da frente", sabemos agora que não havia factos para transmitir. Sabemos que havia mentiras sem fim que encheram os jornais e os ecrãs de televisão e que eram a seguir comentadas pelos "especialistas" de cada país. Sabemos agora que se tratava mais de boatos do que de informação - e que os boatos se tornaram informação. Parece que há quem aceite isto tudo sob a capa de "segurança do Estado". Mas será decente, será moralmente defensável, ir tão longe? Que é feito do respeito pelas pessoas





que estavam a receber a informação e a acreditar no que viam e ouviam? Que é feito da liberdade de informação e expressão? - Outros dizem que esta guerra foi, de qualquer maneira, uma guerra de guerrilha, que estávamos a viver um período de "terrorismo mediático" e que a informação se limitava a ser outra arma. Se é assim, será que os jornalistas são soldados? Foi-lhes confiado esse papel? Será que a democracia pode viver com o que é agora considerado "drogar a opinião pública com informação falsificada"? A vida (milhares de vidas) é um assunto demasiado sério, demasiado sagrado para ser tratado como o guião de um filme!

A DELICADEZA, A HONRA, A FIDELIDADE, O PERDÃO, A TOLERANCIA, A CORAGEM . . . são os títulos da nova revista alternativa "Autrement" que já há vários anos fornece material de reflexão para os que seguem caminhos pouco trilhados. A sua escolha de uma colecção sobre "MORALIDADE" é baseada na certeza de que, nesta fase da civilização humana, a preocupação pela dimensão ética da vida pública se encontra necessariamente ligada a questões que todos nós experimentamos na nossa vida pessoal. A sua inspiração vem das palavras de Vladimir Jankelevitch em "Le paradoxe de la moral":

INTERROGAMO-NOS REPETIDAMENTE SOBRE O DESTINO DA NOSSA VIDA MORAL, SOBRE AQUILO EM QUE ELA CONSISTE, OU MESMO SE CONSISTE NALGUMA COISA! É PRECISAMENTE NESSES MOMENTOS, QUANDO A MORAL PARECE DESAPARECER DO NOSSO HORIZONTE, QUANDO DESESPERAMOS MESMO DE CONSEGUIR AGARRÁ-LA, É PRECISAMENTE NESSES MOMENTOS QUE A NOSSA VIDA MORAL É MAIS AUTÊNTICA; TEMOS ENTÃO DE NOS APODFRAR RAPIDAMENTE DO INSTANTE NA SUA FRAGANCIA DE VIDA!

## Fundação Cuidar o Futuro

DA ESTRATÉGIA DO COMPROMISSO PARA UMA ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO é a melhor maneira de definir a mudança que deveria acontecer na relação das mulheres com o trabalho. Até agora, a maioria esmagadora das mulheres (ou todas as mulheres?) tiveram que se ajustar às normas prevaletentes no mundo do trabalho. Durante todo este tempo tiveram que fazer face a exigências diversificadas e mesmo opostas. Para sobreviver elaboraram, mesmo sem disso se darem conta, uma "estratégia de compromisso". Mas este tempo pode estar a acabar. As mulheres tornaram-se demasiado importantes para a economia. Já não podem continuar a ser ignoradas as condições em que vivem e trabalham. O potencial que representam para a economia tem de ser "utilizado" a pleno. "Flexibilidade no emprego" traz consigo novas possibilidades. É claro que a empresa/instituição terá a sua própria estratégia guiada pela pura competição. Mas esta é também a altura para estratégias individuais. Há duas exigências a fazer. Uma é a *adaptação do trabalho às diferentes fases do ciclo de vida de ~~uma~~ pessoa*, dando às mulheres possibilidade de conduzir, da melhor maneira, as diferentes tarefas da sua vida. A outra é a *mobibilidade inter-ocupacional*, isto é, a mudança de um tipo de trabalho para outro, sem perda de benefícios e como um estímulo para um envolvimento profissional mais intenso. Pode ser encarado como um meio de promoção, que não segue necessariamente o padrão de "subir a escada". Permite antes um olhar refrescante sobre a sociedade e sobre a interdependência e a semelhança básica entre as diferentes ocupações. Gradualmente, ao pôr em acção os mecanismos que possibilitarão estas novas características do mercado de trabalho, poderemos entrar numa nova fase. Ao definirem as suas escolhas no momento oportuno, as mulheres poderão entrar (entrarão) na fase da "estratégia da realização". Disse um participante japonês do grupo de trabalho da OCDE: "A vida tem de ter significado e de ser agradável para todos nós - mulheres, homens, crianças, jovens, pessoas na meia idade e pessoas mais velhas."





"O PENSAMENTO", "A AURORA", "O ADEUS" eram alguns dos nomes que escondiam o seu verdadeiro nome. Nessas esculturas de Rodin, a face de Camille Claudel escondia um segredo; o facto de que ela própria tinha sido também uma grande escultora. O seu trabalho é perturbador. Peças muito pequenas, cheias de um silêncio interior, como "Pensamento profundo", uma mulher de joelhos, junto à lareira, as mãos pousadas sobre a pedra do fogão. Em todas as outras esculturas, ela exprime-se através de um movimento completo, tão intenso que quase conseguimos ouvir Strauss quando olhamos para o homem e a mulher em "A valsa". O amor humano (tanto no êxtase como na traição) é esculpido de uma maneira tão pungente que nos faz andar à volta dos grupos humanos tentando compreendê-los, falar com eles. E as suas duas obras-primas: "A onda" (onde encontramos o mesmo movimento do quadro japonês tão conhecido "A grande onda de Kanagawa", de Hokusai Katsushika) com as três jovens a saltar lá dentro; e ainda "Conversa de mulheres", estas quatro mulheres enlevadas com o que uma delas está a dizer, um biombo como pano de fundo (de novo a influência japonesa), em atitudes e com um movimento do corpo que nos permitem reconhecer as nossas próprias conversas .... Mulheres em movimento, mulheres presas por uma grande parede - estaria Camille Claudel a usar uma metáfora da sua vida, durante alguns anos uma mulher ousada, afastando-se das convenções, cheia de dinamismo e paixão, e depois, durante 30 anos uma mulher aprisionada num hospital de doentes mentais, tendo cessado todo o trabalho...?

*H espadas*  
*Jao Iraque.*

**O PAPEL DA ONU NAQUILO QUE TEM SIDO CHAMADO "UMA NOVA ORDEM INTERNACIONAL"** é agora salientado por quase todos os dirigentes políticos, é verdade que a ONU foi concebida como um mecanismo destinado a promover a paz, a "transformar as ~~palavras~~ em charruas". Como pode isto ser feito? É necessário que haja uma mudança na própria ONU. Tive oportunidade de ver o que se passou entre os membros do Conselho de Segurança durante os últimos dias (e as últimas horas) antes de expirar o ultimato. É claro que a atmosfera era febril, mas a organização faltava experiência para resolver, de uma maneira positiva, uma situação de crise como esta. Têm de ser criados instrumentos novos: um que dê ao Conselho de Segurança a responsabilidade de manter o equilíbrio do armamento no mais baixo nível possível, controlando o comércio das armas, elaborando todos os anos um relatório completo sobre os países que violam o direito humano à paz; e um Conselho Económico e Social que impeça o surgimento de conflitos provocados pela desigual distribuição da riqueza no mundo, que ponha em acção todas as medidas de emergência necessárias para lutar pelos direitos mais básicos da humanidade nos domínios social e económico, e que tenha tanto poder para gerir a economia como o Conselho de Segurança tem para gerir a paz. Um mundo que é capaz de apresentar as armas sofisticadas que todos podemos ver na guerra do Golfo tem que ser capaz de ir ao encontro, por meios novos e sofisticados, das necessidades básicas da maioria esmagadora da humanidade. Então, e só então, poderemos começar a falar (humildemente!) de uma "Nova Ordem Internacional".

*Um tipo de sociedade e um equilíbrio cultural traduzem-se na problemática da experiência espiritual. Em cada espiritualidade, o essencial não é "um outro lugar" exterior à linguagem do tempo, é a própria linguagem que o espiritual toma a sério; é aí, nesta situação cultural, que o seu desejo e o seu risco "tomam corpo". Uma espiritualidade responde às questões de um tempo e não o faz a não ser nos próprios termos dessas questões pois é delas que vivem e é sobre elas que falam os homens de uma sociedade - os cristãos ~~fora~~ *H tal como os outros.**

in "La faiblesse de croire"

Michel de Certeau





**UM NOVO ESTATUTO PARA O FACTOR RELIGIOSO** dentro de cada sociedade parece ser uma exigência da interdependência crescente de todos os aspectos da realidade. A sociedade "secular" que construímos no dealbar do século das Luzes pode já não representar a única visão possível da realidade. Todas as dimensões da vida humana devem encetar um diálogo frutífero e "circular" dentro de uma sociedade saudável. É claro que o factor religioso só ganha expressão sociológica e legitimidade quando é o resultado de uma massa crítica de crenças, procurando levar a cabo, no seu coração, o processo pessoal através do qual "o espírito julga o mundo". Isto é verdade particularmente na Europa, em que "a modernização, que no seu desenvolvimento completo tem o poder único de desintegrar e dissolver antigos sistemas de crenças, desintegrou e dissolveu o sistema do qual originariamente surgiu" (Leslie Newbigin, in Ecumenical Review, Jan, 1991). A audiência de Muçulmanos, Judeus e Cristãos da secção francesa da Conferência Mundial sobre a Religião e a Paz, com quem discuti estas questões, esteve especialmente de acordo com o pressuposto básico: o factor religioso pode dar uma contribuição para a construção da Europa se a Fé for contextualizada, for tornada relevante e capaz de dialogar com os principais desafios da sociedade europeia de hoje.

**ZONAS REGIONAIS DE SEGURANÇA E COOPERAÇÃO ENTRE NAÇÕES E POVOS** podem tornar-se na única consequência positiva da tragédia do Golfo. Em Novembro, preocupados com a "nova arquitectura da Europa, os signatários do Acto de Helsínquia (todos os países da Europa mais os Estados Unidos e o Canadá) fizeram uma declaração conjunta chamada a "Carta de Paris" e estabeleceram alguns marcos para o processo global dessa parte do mundo. Interessante é a nova geografia que emerge dos aspectos institucionais: um secretariado administrativo em Praga, um centro para a prevenção de conflitos em Viena, um ~~escritório~~ <sup>postos</sup> de observação de eleições livres em Varsóvia, o estudo das minorias étnicas em Genebra, a elaboração de medidas para o reforço das instituições democráticas em Oslo, o primeiro encontro dos Ministros dos Negócios Estrangeiros em Berlim... Entretanto, outras regiões estão a tentar estabelecer a sua própria Conferência sobre a Segurança e Cooperação - é obviamente o caso do Médio Oriente (de longe o caso mais complexo), dos países mediterrânicos (um sonho iniciado há ~~vários~~ <sup>alguns</sup> anos por alguns ~~Primeiros-Ministros da Europa~~ <sup>parlamentares europeus</sup>) e, em último lugar - embora não o último em importância - o caso da África, é nesta região que o processo parece, de longe, mais avançado - depois do encontro que teve lugar em Adis Abeba (ver a nova e excelente revista "Africa Forum", que traz um relato completo) os dirigentes africanos vão encontrar-se de novo em Colónia, em Março, para tentar chegar à definição dos conteúdos básicos do seu novo acordo. As consequências serão muito importantes, pois a redução do comércio de armas libertará recursos para o processo de desenvolvimento.

**A CIÊNCIA E TECNOLOGIA ESTÃO A DAR FORMA AO NOVO PARADIGMA** pelo qual vive a nossa civilização. A guerra do Golfo foi uma demonstração clara de como a Ciência e a Tecnologia estão na base de todos os processos sociais. Mostrou como elas estão na raiz da destruição física de seres humanos e a fascinação (em vez de repulsa) que exercem sobre as pessoas ("a guerra cirúrgica..."). Ao mesmo tempo, a última década mostrou o papel decisivo que a Ciência e a Tecnologia têm tido na destruição do ambiente. Durante a última reunião em Nova Iorque da Comissão Consultiva da ONU sobre a utilização da Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento tornou-se clara a necessidade de uma acção dupla. Em primeiro lugar, chamar a atenção dos dirigentes políticos em todo o mundo para o papel-chave da Ciência e Tecnologia e propor políticas públicas que lhe ~~dêem~~ <sup>H que subteñde</sup> enquadramento num contexto social. Em segundo lugar, fazer a maior divulgação possível da Ciência e Tecnologia em todos os níveis do sistema educativo. Um novo humanismo (já em marcha desde Einstein e Teilhard de Chardin) tem que incluir a consciência concreta dos processos científicos na sociedade. A ética, que está no cerne de um tal humanismo, tem de definir os limites da Ciência e Tecnologia, que devem ser orientados, como tudo o resto, para o supremo valor da vida.

